

NARRATIVAS BIOGRÁFICAS, IDENTIDADES E USOS DA CULTURA ENTRE PROFISSIONAIS DO JORNALISMO

Fernanda Rios Petrarca¹

Resumo: Este artigo apresenta uma análise do processo de formação das identidades profissionais no jornalismo e a importância que assumem os recursos de origem social elevada e as concepções de “cultura” para definição da “competência profissional” e para ascensão no interior da profissão.

Palavras-chave: identidades profissionais, narrativas de vida, representações da cultura.

Abstract: This article analyzes the process of formation of the professional identities in the journalism and the importance that assume the resources of of high origin social and the conceptions of “culture” for definition of the “professional ability” and for ascension in the profession.

Keywords: professional identities, narratives of life, representations of the culture.

Introdução

Este artigo analisa as relações entre narrativas biográficas, identidades profissionais e usos da cultura no jornalismo. Parte-se do princípio que as identidades profissionais e as representações do universo profissional são produzidas através do processo de inserção dos indivíduos em múltiplos espaços sociais (família, escola, profissão, etc.) e pela forma como eles constroem percepções e ajustes entre tais espaços. Nesse sentido, os jornalistas desempenham papéis específicos em cada um dos espaços, e a forma como eles ajustam esses papéis permite estruturar sua identidade profissional. Tal artigo faz parte de uma pesquisa mais geral que teve como objetivo analisar o processo de inserção e ascensão profissional no jornalismo, buscando apreender os recursos sociais que pesam para o acesso a carreira jornalística e de que forma determinados recursos contribuem também para certas percepções e formas de

¹ Doutora em Sociologia pela *UFRGS*, pesquisadora do grupo Sociedade e Conhecimento e professora colaboradora no Programa de Pós Graduação em Sociologia da *UFRGS* na qualidade de bolsista Pós-Doutorado Júnior (*CNPq*). E-mail: f.petrarca@uol.com.br.

identificação com a profissão². Nesta pesquisa, o universo profissional é percebido como um espaço de disputa para definir os recursos legítimos para entrada e crescimento na hierarquia da profissão. Em tais disputas, os agentes comprometem os recursos que acumularam durante os seus trajetos sociais e profissionais resultantes de sua origem social, formação escolar e inserção em outras esferas de atividade (BOIEGOL e DEZALAY, 1997, BOURDIEU, 1984). Assim, para analisar o processo de inserção e ascensão profissional dos jornalistas é preciso incluir uma investigação das esferas sociais nas quais os jornalistas se inserem e como tais inserções permitem, por um lado, adquirir um conjunto de recursos que podem contribuir para o seu crescimento na hierarquia interna do jornalismo e, por outro lado, de que forma contribuem para certas concepções da profissão e para definição do papel do jornalista.

Dentre essas esferas, destacam-se a esfera do trabalho, da família ou afetiva, do engajamento (político, militante) e a própria esfera escolar. Uma esfera de vida é, ao mesmo tempo, objetiva e subjetiva, pois pode tanto ser considerada como um conjunto de interações concretas, contatos e laços que os indivíduos estabelecem como pode corresponder a uma estrutura de sentido. Essas esferas estão em constante interação e não ocupam o mesmo lugar na vida dos indivíduos. Assim sendo, percebe-se que as concepções e as tomadas de posição dependem do passado do indivíduo, de suas inserções e de suas experiências adquiridas. Nesse sentido, as categorias sociais apreendidas por esse processo de socialização em diferentes esferas sociais e no decorrer dos ciclos da vida (níveis escolares, categorias profissionais, posições culturais.), constituem a base para que os indivíduos construam identidades singulares, e procurem impor suas percepções em determinados campos de ação, como o campo profissional, por exemplo, (FILLIEULE, 2005, DUBAR, 1998b, 1998c, PASSY, 2005). Portanto, a trajetória social determina as identificações

² Esta pesquisa resultou em uma tese de doutorado denominada: *O Jornalismo como Profissão: recursos sociais, titulação acadêmica e inserção profissional dos jornalistas no Rio Grande do Sul*, defendida no Programa de Pós Graduação em Sociologia da UFRGS em 2007.

subjetivas, uma vez que “a pessoa não existe fora dos seus quadros sociais” (ELIAS, 1991).

Desse modo, a investigação a respeito das trajetórias de vida dos jornalistas fornece indícios concernentes aos processos de formação de identidades. Através de tal análise é possível apreender os diferentes espaços sociais em que os jornalistas estão inseridos e confrontar as visões de profissão de que são portadores. O método biográfico permite recorrer às biografias, individuais ou coletivas, construídas segundo modalidades muito diferentes e presentes em pesquisas com objetivo e problemas diversos. A análise biográfica inclui também as múltiplas histórias de vida utilizadas pelos agentes e instituições para dar um sentido a sua ação profissional (PUDAL, 1994, PENEFF, 1994). Os procedimentos metodológicos adotados, neste estudo, consistiram na realização de entrevistas biográficas com jornalistas que ocupam posições de chefia (chefes de redação, diretores de jornalismo, diretores de redação) em diferentes espaços de atuação do jornalismo. As narrativas biográficas e os relatos de vida tornaram-se fontes principais dos dados, contando ainda com um conjunto de livros e materiais divulgados na internet sobre a biografia de tais jornalistas. A análise dos relatos biográficos tem como problemática a articulação de dois aspectos do processo biográfico. De um lado, eles são reveladores de uma seqüência de posições (sociais, familiares, escolares, profissionais, políticas) ocupadas pelo indivíduo durante a vida em espaços sociais e profissionais diversificados e dos laços que os indivíduos estabelecem, os quais permitem a acumulação de recursos variados. De outro, eles expressam reconstruções do passado e revelam visões de si e do mundo remetendo a diversos mundos sociais e formas identitárias³ (DUBAR; TRIPIER, 1998a). Portanto, é possível compreender a percepção da profissão através da análise de ambos os aspectos que envolvem uma trajetória individual, considerando tanto as posições objetivas como as formas utilizadas pelos indivíduos para falar sobre si mesmo durante uma entrevista.

³ Este termo é utilizado tal como definido por Dubar (2006) e diz respeito às tipologias construídas pelo pesquisador para dar conta dos tipos de argumentação e da distribuição dos esquemas discursivos utilizados pelos atores no processo de reconstrução da “imagem de si” em uma entrevista biográfica. Trata-se, neste sentido, de uma ferramenta para compreender como os atores “narram sua vida” e sua história de sucesso profissional.

Neste texto trata-se, mais especificamente, de considerar no processo de formação das identidades e representações profissionais os recursos sociais que os jornalistas utilizaram para ascender profissionalmente. Isto remete ao problema da reconversão de recursos diversos em posições profissionais. Entretanto, é ainda necessário demonstrar de que forma, nas narrativas de vida profissional do conjunto dos jornalistas, certas “qualidades pessoais” são apresentadas como justificativa para ascensão profissional e que legitimam a atual posição ocupada no jornalismo. As definições dessas qualidades remetem às mais diversas esferas (universidade, sindicato, partidos políticos, redação jornalística, família) e recursos sociais (competência profissional, militância estudantil e partidária, formação cultural, bagagem cultural) e correspondem a padrões de associações e a reconversões diversas, contribuindo para formar identificações distintas com o jornalismo.

Este estudo realizou 46 entrevistas e foram definidos quatro grandes padrões de associação e reconversão de recursos diversos em posições profissionais. Um primeiro padrão consiste naqueles jornalistas que tem como principal base de recursos a origem social elevada, correspondendo a um total de 11 casos dos 46 analisados. Os principais postos ocupados são, sobretudo, os de editores, chefes e diretores de redação. Um segundo modelo consiste num conjunto de jornalistas de origem social mais baixa, oriundas de famílias com escassos recursos econômicos e culturais, que contaram com a combinação entre os recursos obtidos através do intenso investimento nas redações jornalísticas e aqueles proporcionados pelo espaço escolar, correspondendo a um total de 12 casos. Destacam-se, postos em assessoria de imprensa e redações jornalísticas. Além destes padrões há, ainda, um terceiro que corresponde àqueles (11 casos do total de 46) que associam capital escolar com recursos decorrentes do exercício da militância política e da inserção em partidos políticos e movimentos sociais. Estes jornalistas possuem, no geral, origens sociais bastante diversificadas, mas que, fundamentalmente, não lançam mão dos recursos de origem nos investimentos profissionais. E por fim, representando 12 do conjunto de 46 entrevistas, um último padrão definido corresponde àqueles jornalistas que, desprovidos de capital escolar e de diploma, contaram com a posse de um elevado capital

social e relacional obtido por meio, sobretudo, do investimento na política partidária e nas redações jornalísticas⁴.

Todavia, a reconversão de recursos sociais em posições profissionais nunca ocorre de maneira direta, uma vez que adquire importância o espaço das redações e o universo acadêmico. Praticamente todos os jornalistas entrevistados lançam mão de mais de uma base de recursos e de esferas sociais, de acordo com o seu trajeto e sua inserção social e profissional. Diante disso, a construção de padrões e modalidades permite apreender a múltipla pertença dos atores, suas sucessivas socializações, a simultaneidade de pertencimento a esferas, bem como a pluralidade dos pontos de vista e recursos que podem mobilizar.

Em função das limitações deste texto e dos objetivos específicos que o norteiam, será apresentado um dos padrões de ascensão na carreira jornalística e de identificação com a profissão que teve como a principal base de recursos profissionais a origem social elevada. Tal padrão corresponde, por um lado, a um conjunto de jornalistas que ocupam uma posição mais destacada no espaço social e que são oriundos de famílias com recursos econômicos, culturais e escolares elevados e cujos pais são proprietários de fazendas e empresas ou desempenham atividades profissionais que exigem qualificação escolar e acadêmica, como médicos, advogados, professores universitários, diretores e administradores de empresas. Por outro lado, diz respeito também a jornalistas que usam as origens como recursos nos investimentos profissionais e associam suas “competências profissionais” com a bagagem cultural proporcionada pela família de origem e com aquilo que eles denominam de “cultura trazida de casa”.

Origens sociais, capital cultural e investimento profissional

Neste artigo, torna-se fundamental abordar a forma como tal bagagem cultural é produzida e sua associação com a posição social de origem. O capital cultural, tal como denominou Bourdieu (1979; 1998), está associado às origens sociais dos indivíduos e as posições

⁴ Esses jornalistas são comumente designados como “provisionados”, uma vez que obtiveram a licença para atuar profissionalmente como jornalista sem a posse do diploma de nível superior.

ocupadas no espaço social, uma vez que depende também do acesso ao capital econômico. Contudo, o capital cultural pode existir sobre três formas principais. A primeira é o estado incorporado, que se manifesta sob a forma de disposições, como princípio de agir e pensar. A segunda é o estado objetivado, manifestado sob a forma de bens culturais, tais como livros, quadros, obras de arte, frequência a museus, cinemas e teatros. E por fim, o estado institucionalizado, sob a forma de títulos e certificados escolares. Dessa forma, algumas instituições participam deste processo de acúmulo e posse de capital cultural. Destacam-se neste processo, a família e a escola. A primeira é responsável pela transmissão da herança familiar e das diversas formas de capital (econômico, social, cultural). A segunda, pela distribuição e institucionalização de um tipo específico de capital cultural: o título escolar. Entretanto, é importante ressaltar que o capital cultural só existe enquanto um capital ativo, ou seja, como um recurso que pode ser apropriado pelos agentes e mobilizado em situações diversas como arma e objeto de luta na ocupação de posições em campos de produção variados (BOURDIEU, 1998). Nesse sentido, ele pode se converter em um recurso nas lutas por postos no interior dos espaços profissionais.

As origens sociais elevadas, as relações familiares e a bagagem cultural proporcionada pela família tornaram-se elementos importantes na composição do conjunto de jornalistas que atualmente ocupam posições de direção na chamada “grande imprensa”, constituindo-se, desse modo, como um recurso nas estratégias de distinção profissional. As origens sociais contaram para este grupo de jornalistas, sobretudo, por duas questões fundamentais. Por um lado, ela possibilitou o acesso a uma rede de relações que podem ser mobilizadas em situações diversas, por outro lado, ela proporcionou o acesso a bens culturais e simbólicos.

Os dados coletados mostram que, dentro do universo analisado, é entre os jornalistas que ocupam posição de direção no interior dos veículos mais reconhecidos de “grande imprensa” que se encontra o maior número daqueles que possuem uma origem social elevada. Uma das maneiras de medir tal origem é com base em alguns indicadores, como profissão e nível de escolaridade dos pais e avós. Entretanto, na carência de informações sobre os avós, o trabalho contou apenas com dados a respeito dos pais, o que permitiu, ainda que precariamente,

dar uma visão geral sobre a posição social de origem. Do total dos 46 jornalistas entrevistados, apenas 13 apresentaram pais com curso superior completo. Destes 13 pais, 8 são pais de diretores de redação. Com relação às mães, do conjunto total dos 46 jornalistas, 6 possuem mães com curso superior completo, sendo que deste conjunto 5 são mães de diretores de redação. Quanto à profissão do pai, destaca-se político, militar, proprietários e diretores de empresa, bem como profissionais liberais (advogado, médicos).

Além do fato de os pais com formação superior completa representarem os diretores de redação, é preciso associar esse dado à empresa à qual esse diretor está vinculado. A empresa que aparece como compondo o quadro de diretores, cujos pais são, na maioria, diplomados, é a *RBS*⁵. Dos cinco casos que representam diretores de jornalismo cujas mães têm curso superior completo, três são de diretores da *RBS*. E dos oito casos de diretores, cujos pais têm curso superior completo, cinco são de diretores da *RBS*. Isso indica que quanto maior a posição ocupada pela empresa no ramo das comunicações, maior são os níveis de formação escolar e profissão dos pais de seus diretores. Cada espaço de atuação jornalístico funciona como um espaço de relações concorrenciais que produzem efeitos de seleção social diferenciados. No espaço das redações as propriedades sociais dos jornalistas elevam-se conforme o valor do posto ocupado. Assim, a seleção social para ocupar o cargo de diretor de redação prioriza determinadas propriedades para o exercício da função que são obtidas através de uma posição de origem social elevada. Contudo, essa relação não é direta e tende a sofrer uma variação conforme a posição que a empresa jornalística ocupa no mercado de serviços jornalísticos. Quanto maior a posição da empresa, mais intensa torna-se a relação dos altos cargos dos jornalistas com o grau de escolaridade dos pais e mais importante tornar-se-ão as origens sociais altas como um recurso para ocupação de certos postos.

⁵ A *Rede Brasil Sul*, afiliada da *Rede Globo* de televisão no estado, hoje é uma das maiores redes de comunicação da América Latina e conta com diversas filiais em todo o Rio Grande do Sul e ainda em Santa Catarina. Possui um complexo de emissoras de rádios AM e FM, bem como canal de televisão aberto e a cabo, e ainda dois jornais impressos diários produzidos na cidade de Porto Alegre (*Zero Hora* e *Diário Gaúcho*). A *RBS* é também a empresa que mais emprega jornalistas no estado do Rio Grande do Sul.

A formação escolar dos jornalistas também fornece indicações a respeito de suas origens sociais. Do conjunto dos 46 casos considerados para esta análise, apenas 11 concluíram o primeiro e o segundo grau em escolas particulares, sendo que deste conjunto seis concluíram o curso superior em universidades particulares, três não realizaram o curso superior e dois fizeram em universidades federais. Do conjunto daqueles que concluíram o curso superior em universidades particulares, quatro ocupam a função de diretor e editor-chefe, sendo que três destes são da empresa *RBS*. Dentre essas escolas destacam-se, os “colégios de elite” de Porto Alegre: *João XXIII*, a *Escola Marista Nossa Senhora do Rosário*, privadas e confessionais⁶. Um desses casos, o de um diretor de redação da *RBS*, concluiu parte do seu segundo grau em uma escola na Alemanha. Assim, novamente, a relação entre posições ocupadas no jornalismo e origens sociais se apresenta como pertinente, uma vez que é entre os postos ocupados nas empresas mais destacadas que as origens sociais altas tendem a se constituir como dominantes.

Estes dados permitem, no entanto, apenas dar um panorama muito amplo e superficial das origens dos jornalistas. Tratados isoladamente eles não fornecem indícios sobre o peso do capital de origem para inserção e ascensão profissional e não permitem compreender como ele pode se tornar um recurso importante nas estratégias de investimento profissional. É preciso, portanto, demonstrar por meio das análises dos padrões de investimento no jornalismo de que forma os recursos de origem podem se converter em posições profissionais.

Um dos casos mais ilustrativos do conjunto dos analisados para demonstrar de que forma as origens sociais elevadas tornam-se trunfos no acesso ao jornalismo é o de um dos diretores de uma das maiores empresas de comunicação no Rio Grande do Sul. Seu itinerário permite vislumbrar a relação entre origens sociais, formação escolar e inserção profissional. Nascido na capital do estado, esse jornalista vem de uma família, do interior do Rio Grande do Sul, de fazendeiros, de médicos, de militares, de empresários e de alguns políticos. Do lado materno,

⁶ Segundo Coradini (2004), “colégios de elite” de Porto Alegre podem ser considerados por aproximação os particulares: *Anchieta*; *Nossa Senhora do Rosário*; *Bom Conselho*; *Sévigne*, dentre outros que se aproximam no que diz respeito às características dos alunos.

avós e tios fazendeiros e médicos. Seu avô materno era médico e seu bisavô fazendeiro, segundo ele, um fazendeiro que falava quatro línguas, o que já de início demonstra o acesso das gerações mais antigas da família à cultura. Do lado paterno, militares, empresários e alguns tios políticos, que conquistaram inclusive o posto de Ministros de Estado. Com nove anos de idade já havia viajado para fora do país e conhecido a *Disneyland World*. Sua formação escolar ocorreu em uma escola apenas: “Nossa Senhora do Rosário”, escola marista da capital, onde haviam estudado seu pai, seu avô e seu bisavô.

Cursou a graduação em universidades particulares pagas com recursos familiares. Uma delas em jornalismo na *Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul* e a outra em Direito na *Universidade Luterana do Brasil*, esta última não concluída. Durante seu curso de jornalismo, nos dois primeiros anos, participou das atividades do diretório acadêmico na qualidade de dirigente e de coordenador e do centro acadêmico do curso de jornalismo, momento em que também exerceu militância político-partidária. Seu ingresso no mercado jornalístico ocorreu durante a graduação como estagiário não-remunerado na *TVE (TV Educativa)*. Depois do estágio, perto do final da sua faculdade, resolveu trancar o semestre para ir à Europa, onde ficou durante seis meses com um grupo de amigos e apoiado por recursos econômicos familiares. Quando retornou terminou a faculdade e conseguiu em seguida uma oferta de emprego na *RBS* no ano de 1985. Começou nesta empresa como assistente de edição, por meio do convite do diretor de redação que era amigo do seu pai. Sobre o ingresso no mercado jornalístico, ele relata:

Ele conhecia o meu pai. E eu me lembro que o dia em que ele me contratou, ele me disse assim: ‘olha guri, eu conheço muito o teu pai, mas eu quero te dizer o seguinte, eu te dou 60 dias, se tu fores ruim eu te ponho na rua’. Daí eu entrei aqui como assistente do editor e em um ano eu já tinha sido promovido editor chefe, um editor super jovem [...]. Com dois anos eu já tinha um monte de prêmio na carreira.

Este relato permite demonstrar o quanto as redes de relações proporcionadas pela posição de origem constituem-se em recursos pertinentes que possibilitam um primeiro contato com o meio profissional e uma forma importante de acesso ao mercado de trabalho.

Em seguida em que foi promovido a editor-chefe começou a dar aulas para o curso de jornalismo da *PUCRS*, esta última função conquistada por meio de um convite do diretor da faculdade de comunicação da referida universidade. Na empresa jornalística, foi promovido a chefe de reportagem, editou todos os jornais da casa e elaborou e editou projetos especiais. Em 1991, depois de ouvir uma palestra do vice-presidente da *RBS* sobre incentivos aos funcionários, pediu que esse o ajudasse a organizar uma viagem aos Estados Unidos que estava querendo fazer durante suas férias e que não queria dinheiro da empresa, iria com seus próprios recursos.

Essa viagem rendeu-lhe uma posição diferenciada dentro da empresa, possibilitando o acesso a certas atividades mais destacadas. Depois de retornar, começou a participar de projetos na empresa, representando-a em diversos eventos internacionais e, em 1995, foi convidado para montar o projeto do *Canal Rural*, cabendo-lhe a programação e a equipe. Uma das suas fontes para esse projeto foi um fazendeiro, na época presidente da *Associação Rural Brasileira*, chamado Roberto Rodrigues, Ex-Ministro da Agricultura. Roberto Rodrigues, inicialmente uma fonte, passou a integrar a equipe do *Canal Rural*, ajudando a elaborar o projeto e, como afirma o jornalista, a “abrir muitas portas”, uma vez que tal ministro possuía uma ampla rede de contatos. Depois desse projeto foi convidado à direção de jornalismo na empresa. Como diretor fez um mestrado profissionalizante para administração de empresas, denominado MBA.

Esse jornalista representa um dos casos em que o que contou, para entrada e crescimento na hierarquia do jornalismo, foi a combinação das suas origens sociais altas com investimento interno ao jornalismo. Esse último se consolida no espaço das redações, das empresas de comunicação, mas também com fontes que podem render boa matéria ou bom projeto e que são externas ao jornalismo, como foi o contato com Roberto Rodrigues para elaboração do projeto do *Canal Rural*. Nesse projeto, é possível perceber uma combinação entre as origens, uma vez que seu contato com o universo rural é herdado de seus avós e pais, ambos fazendeiros, e um investimento forte nos projetos da empresa, manifestado pelos contatos com a direção. O sucesso nessa combinação rendeu-lhe não só o posto de diretor de jornalismo da empresa, mas uma ampla rede de relações. Em função

dos investimentos anteriores e da própria função que desempenha atualmente na empresa, seus contatos diversificaram-se e adquiriram nova importância, tendo em vista que ocupar um posto de direção implica em estabelecer vínculos com pessoas que ocupam posições elevadas na hierarquia social, tais como: empresários, ministros, governadores, presidentes de associações, etc.

Esse itinerário permite ressaltar duas questões principais. A primeira delas refere-se a forma como o acesso a um conjunto de recursos econômicos e sociais permite uma maior flexibilidade quanto aos investimentos profissionais, possibilitando, neste caso, por exemplo, realizar uma viagem ao exterior em pleno período de conclusão do curso superior sem a necessidade imediata de um emprego ou de uma posição profissional estável ou, ainda, permitindo realizar uma viagem de trabalho aos Estados Unidos com recursos próprios. A segunda refere-se aos usos das origens sociais para ingressar no jornalismo e conquistar novos espaços de atuação, uma vez que a própria posição social permite o contato com determinadas pessoas que podem ser mobilizadas em situações diversas.

Narrativas biográficas, identidades profissionais e a importância da “cultura trazida de casa”

Todavia, é preciso ainda dar conta das concepções e maneiras próprias de perceber a importância da cultura familiar e das origens sociais elevadas para o percurso profissional e para o exercício dessa atividade. A presença objetiva de um determinado “capital” só tem sentido diante das condições que tornam possível sua “transmissão”, uma vez que a presença de um capital cultural familiar, como a frequência ao teatro, ao cinema, o acesso a livros, a “boas escolas”, a informação, não garante a sua efetiva posse (LAHIRE, 2002; 2004). É preciso, ainda, observar como esta cultura é transmitida, apreendida e interiorizada e quais são as condições de sua apropriação pelos agentes, para assim poder compreender como ela pode se transformar em um recurso responsável pelo sucesso. Em síntese, é preciso considerar também as origens como recursos nas disputas pela construção de imagens do profissional “bem sucedido” e dos princípios de legitimação dos postos e cargos e as situações nas quais as origens são ativadas e seu uso se torna possível.

Assim, interessa neste texto o problema da relação entre as concepções a respeito da importância das origens sociais e da posse de uma “bagagem cultural” e os usos que podem ser feitos delas. Isto é importante porque não é apenas a condição de pertencer a determinada posição social que está em pauta, mas sim os códigos que dão sentido a uma interpretação interessada das posições sociais. O relato dos diretores de jornalismo e editores-chefe apresenta uma valorização, mais do que a formação escolar e o diploma, ou seja, o capital cultural institucionalizado, a formação proporcionada pela família. Essa valorização é apresentada tanto como critério importante para justificar a escolha pelo jornalismo como para justificar o atual posto ocupado na profissão. As experiências proporcionadas pela família, tais como o acesso a livros, revistas, cinema e jornais de todos os gêneros e o domínio da língua culta aparecem associados ao gosto pela leitura e pela escrita como uma questão fundamental que os encaminhou para o jornalismo. Portanto, quando esses jornalistas apontam os motivos que os levaram à escolha pelo jornalismo, eles estão na verdade apontando os elementos que contam para se tornar jornalista e que dependem de uma “cultura familiar”. Os relatos expressam, neste sentido, disposições que foram adquiridas e que são ativadas, ou solicitadas, pelos contextos nos quais os agentes estão inseridos. Eles permitem captar os efeitos dos diferentes universos socializadores, como a família, a escola, os partidos políticos, nas decisões dos atores.

Os relatos biográficos dos jornalistas analisados nesta modalidade específica de investimento e ascensão no jornalismo permitem identificar um conjunto de argumentos que destacam uma “apresentação e imagem de si” associada à posição social de origem. Um dos exemplos é o de um diretor de uma das redações jornalísticas que atribui seu crescimento a duas questões principais: a primeira referente ao investimento interno na empresa, colocando-se à disposição para realizar todo tipo de tarefa, aproveitando as oportunidades que apareciam. A segunda refere-se à formação diferenciada possibilitada pela sua família. Esse diretor considera o seu ambiente familiar “um ambiente de elite” o que lhe proporcionou escolher jornalismo e ser “diferenciado”.

Eu tenho uma formação bastante privilegiada. Eu só estudei em colégio particular, estudei no Rosário a minha vida inteira, morei na Europa um tempo. Eu tenho uma formação um pouco diferenciada. Todo mundo esperava que

eu fosse médico, advogado [...]. E resolvi seguir jornalismo por gostar de escrever. [...] Eu tenho muito conhecimento de história [...]. Eu tinha muita informação, muito acima dos meus amigos na época, um cara que sabia muito, discutia muito política, economia, tinha acesso a livros, leituras, jornais. Eu acabei indo para esse caminho de forma natural.

O acesso à cultura, formação, informação, proporcionados pela posição de origem e familiar privilegiada, o faz acreditar que a escolha pelo jornalismo foi uma acontecimento natural, uma vez que, na sua visão, essa atividade exige uma formação cultural que se adquire pelo acesso a bens culturais, como “boas escolas”, livros, cinema, teatro. Essa cultura geral incluiu um conhecimento de história, economia, política, além de um conhecimento da língua oficial, expresso pelo saber escrever, ler e ter acesso a livros. Deste modo, as categorias de percepção e de classificação, resultado de múltiplas diferenças sociais e de processos de interiorização diversificados, são aplicadas e mobilizadas na vida cotidiana em diferentes momentos biográficos.

Um aspecto importante a ser trabalhado na análise das narrativas biográficas está relacionado à interpretação que a pessoa constrói quando olha retrospectivamente para seu progresso. Esta interpretação está associada à necessidade de justificar o sucesso, a ascensão profissional e dar um sentido a sua existência, ou seja, encontrar os fundamentos que legitimem a posição ocupada no mundo social em que está imerso. Dentre as diferentes formas de justificativas e interpretação do passado, a cultura legítima se apresenta como uma das possibilidades de sentido da existência⁷. Nessa modalidade e, nesse caso mais especificamente, há uma relação entre certos padrões de investimento no jornalismo, em que a posição de origem e a inserção profissional permitiram certo itinerário, e as visões e percepções do passado pelo jornalista. Essa questão remete aos processos de reconstrução do passado pelos atores sociais, tendo em vista que a pessoa constrói ao longo da vida uma imagem que permite uma percepção de si mesmo que possa expor de maneira útil nas situações cotidianas (GOFFMAN, 1996). Assim, se ela consegue apresentar uma interpretação de sua situação presente, no caso, como chegou a tal

⁷ Conforme destaca Lahire (2006), a “necessidade de legitimidade” ou a “necessidade de se sentir justificado de existir” não está reservada aos grupos ou classes dominantes, mas antes disso é uma necessidade social para dar sentido a uma existência que em si mesmo não tem sentido.

posto no jornalismo, que mostre qualidades pessoais favoráveis no passado, pode-se afirmar que a sua história é uma história de triunfo. Isso significa dizer que a história de triunfo, apresentada pelo caso analisado acima, remete a uma interpretação das origens elevadas como condição para o progresso profissional. A questão importante a ser destacada diz respeito às qualidades que foram mencionadas como relevantes para ascender profissionalmente e que estão diretamente vinculadas a qualidades associadas às origens sociais privilegiadas. A vitória profissional está relacionada a características que se obtém por uma determinada posição de origem, acesso à cultura (por meio de livros, de jornais), “boas escolas”, etc. Há uma forte vinculação com as origens sociais elevadas e, conseqüentemente, com os esquemas através dos quais elas são interpretadas. Em consonância com isso, tal justificativa e interpretação do passado proporcionam ganhos morais e psicológicos que permitem a distinção e o sentimento de que se é “melhor profissional” ou “mais qualificado” para o exercício da posição ocupada.

Além disso, as narrativas biográficas revelam que as origens sociais elevadas tornam-se importantes recursos para promover e contratar novos jornalistas. Esses diretores, dentro dos veículos em que trabalham e pela posição que ocupam, estão diretamente envolvidos nas contratações de novos jornalistas e nas promoções internas, só para citar um exemplo, como ser promovido de editor para editor-chefe ou de repórter para editor. Soma-se a isso o fato de que esses diretores têm uma origem social mais elevada, em função dos indicadores objetivos como escolaridade do pai e da mãe e respectivas profissões. Durante as entrevistas, quando questionados sobre essas contratações, eles revelam que a formação cultural transmitida pela família não só foi importante em seus trajetos como é muito valorizada na avaliação de outros jornalistas.

Ao ser questionado sobre a situação atual do jornalismo, o jornalista, cujo fragmento de entrevista é citado abaixo, relata a importância da família para o exercício do jornalismo e para a formação de certas qualidades essenciais nessa profissão.

[...] Me preocupa um pouco essa memória dos jornalistas [...]. Essa memória do que foi a realidade. Isso é preocupante no jornalismo como um todo, ou seja, a falta de memória. [...] E isso passa por casa, passa por uma

história de família, passa por tu cultivar na tua casa a informação e o conhecimento. Tu não aprendes a ler na faculdade, tu não aprendes ser curioso na faculdade, tu aprendes na vida [...]. Eu me lembro muito, eu sempre uso muito isso. Na minha casa nunca faltou jornal e tudo que fosse cultura. O meu avô era um alemão e como todo alemão ele cultuava muito essa questão da cultura, da informação. Eu nunca esqueço uma frase do meu avô que me marcou vida inteira. O vô dizia assim: para os meus filhos e para os meus netos pode faltar roupa nova, pode faltar o carro novo, pode faltar o dinheiro para ir numa festa, para comprar o refrigerante, só não falta dinheiro para bons colégios e para bons livros. E eu acho que isso é regra, entendeu.

Este relato é revelador de um conjunto de elementos. Um deles está relacionado a uma das características fundamentais apontadas pelo entrevistado para o exercício do jornalismo: a memória. A tão importante memória para o exercício da profissão e a capacidade de fazer abstrações requer um conhecimento intelectual que, nesse caso, não é obtido na escola, mas na família, seja através do convívio com figuras ilustres, seja através do acesso à cultura, de forma geral, proporcionados por livros, por música e por viagens ao exterior. Assim, ao estabelecer a relação entre memória e cultura familiar o entrevistado lança mão de uma disposição adquirida pela sua socialização familiar. Esta “disposição” é constantemente atuada no seu relato, como sugere o extrato abaixo.

Eu acho que isso é uma coisa que tu cria dentro de casa. Só para dar um exemplo. Eu recebi aqui uma menina, hoje é uma excelente editora, nunca mais esqueço. Ela chegou aqui e disse para mim e eu perguntei como era a história profissional. Ah! Eu sou recém-formada, me formei recém um ano e tal, mas assim que eu me formei eu não procurei emprego aqui. Mas porque não procuraste? Porque tinha uma curiosidade enorme de conhecer o mundo. Então eu peguei um avião e fui morar em Londres. Pô, essa guria tem uma formação [...]. ‘Fui morar em Londres, morei em Londres um ano e pouco, estagiei na Globo’, não sei o que, mas eu nem queria ouvir o resto que ela tinha feito. O simples fato de ela ter me dito que ela foi para fora e que buscou o caminho de conhecimento já ta dito tudo, ela não é uma pessoa comum [...]. E a guria ganhou vários prêmios aqui dentro, tem dois anos de casa e já ganhou vários prêmios.

Dentre estes aspectos que se destacam associados à cultura familiar e a posição social elevada está a definição do que conta para crescer no jornalismo e ascender no interior das redações dos jornais.

Acho que o que conta, o que é fundamental é tu ser diferenciado. Tu tens que ter uma qualificação acima. Quando eu fiz jornalismo falar inglês era diferente, hoje não é mais. Saber usar o computador era ser diferente, hoje não é mais. Então o que é ser diferente? É tu ser líder, ser criativo, ser inovador, ter informação. Tem que estar conectado com o mundo. Tem que estar lendo o tempo todo. Tem que estar bem informado [...]. Eu não acredito em quem fica parado.

Esta “qualificação acima”, assim como a curiosidade apresentada e a capacidade de liderança passa por um conjunto de elementos elencados pelos entrevistados, como viagens ao exterior, domínio da língua culta, mas também “passa por casa”, passa por um estímulo adquirido no âmbito da esfera familiar para atingir tal qualificação. Nesse sentido, os processos de diferenciação e de distinção no mercado de trabalho jornalístico não estão separados do acesso a um conjunto de recursos, essencialmente recursos econômicos e culturais, e de disposições para agir.

Por conseguinte, a situação de selecionar jornalistas e contratar profissionais que são avaliados por sua competência traz a tona os efeitos dos universos socializadores que só podem ser captados nos contextos nos quais são solicitados e ativados. O contexto de contratação de profissionais coloca em jogo a atualização e a ativação das disposições socialmente adquiridas. Um dos principais efeitos disso é que o mercado jornalístico contribui para reforçar e reproduzir a capacidade do jornalista de se comunicar conforme os padrões da cultura dominante. Os relatos abaixo, de uma editora e de um diretor de redação, sobre o processo de seleção de jornalistas e o valor do diploma, ilustram a importância da socialização familiar para a entrada e para o crescimento na hierarquia interna do jornalismo.

[...] O jornalista não é escolhido apenas pela sua capacidade técnica, seu currículo, ele é 50% ou mais escolhido pelo que ele é como pessoa [...] A nossa seleção é uma peneira maluca [...] A gente faz provas tradicionais de conhecimentos gerais, inglês, português, tem também prova de ética [...] Com situações de tomadas de decisão e ele tem que escrever o que faria. Essa é a primeira peneirinha. Depois as pessoas

entram aqui como estudantes ainda e fazem tarefas auxiliares, do tipo ser *office boy* porque enquanto estudantes não podem escrever matérias [...] para vivenciar essa coisa da redação. Ai a gente vai percebendo quem é quem: a postura da pessoa, os valores da pessoa, o comportamento dela diante de situações [...]. Então a pessoa que não tem um comportamento exemplar na questão de responsabilidade, de ética, de princípios, de valores, ela não chega até a redação [...] Essa questão técnica de ser jornalista é fácil de ensinar para uma pessoa. Muito mais difícil é uma pessoa que tenha informação suficiente, cultura suficiente, todo esse *background* de formação que a gente estava falando e que isso não se aprende na faculdade [...].

Nota-se que a definição de “como o jornalista é como pessoa”, considerada fundamental para o exercício da profissão, passa pela família e pelo que essa lhe transmite e lhe possibilita em termos de acesso a certos recursos. A atitude jornalística, o comportamento diante de situações determinadas e a responsabilidade correspondem a valores que se aprende na família e que só podem ser obtidos por uma posição social elevada. O relato abaixo intensifica esse tipo de visão.

[...] Uma coisa interessante que talvez seja um objeto de estudo, não sei se já te caiu a ficha, em relação a isso é que o jornalista hoje, pelo menos nas redações formais, o grau de exigência para entrar na redação, de formação [...]. Então eu exijo que seja bilíngüe, o cara pós-doutorado não sei das quantas não exige isso, mas a formação tem que ser muito mais forte hoje do que era no meu tempo, por exemplo. O que acontece com isso? A redação tem pessoas muito mais qualificadas hoje na sua formação [...] Claro que nas pessoas mais qualificadas possíveis você acaba tendo, sobretudo nos níveis iniciais, pessoas que estudaram no ‘Anchieta’, fizeram intercâmbio nos Estados Unidos, foram estudar na *UFRGS*. Começa a ter cada vez mais [...], a tendência das classes médias, médias altas de entrar nas redações passa a ser maior [...] então as pessoas que entram não estão necessariamente em busca de salários altos, claro que nada contra, mas são pessoas que são filhos de psiquiatras, vários filhos de médicos, desembargadores que foram fazer jornalismo e que de olhos fechados na avaliação e na seqüência de baterias melhor portugueses, melhor isso e mais qualificados.

A família possibilita não só os meios econômicos necessários para se ter acesso à língua culta, a cursos de língua estrangeira, intercâmbio no exterior, estudar em escolas conceituadas e de prestígio social, mas também um comportamento específico diante do jornalismo

que exige uma postura de origem, uma formação cultural, um *background*, obtido, sobretudo dentro da família. A herança familiar e cultural passa a ser um dos critérios utilizados para entrar em certas empresas e setores do jornalismo. A atitude exigida do jornalista diante dos problemas específicos da profissão, nesse ponto de vista, requer um comportamento especial e um caráter que se aprende na família. Os padrões de avaliação de um “bom jornalista” estão associados a uma “cultura de origem elevada” que define em quem se pode confiar. A maneira como um jornalista comporta-se diante dos problemas cotidianos do trabalho jornalístico revela uma postura associada a uma “cultura trazida de casa”. As avaliações recaem sobre suas origens e socialização familiar.

Tal cultura garante uma seleção entre membros de um mesmo grupo social. A família e a posição de origem definem o crédito social do indivíduo, sua reputação e também estrutura os seus recursos sociais, servindo como uma garantia de seleção entre iguais. Assim, a valorização das origens altas constitui uma estratégia de selecionar membros de um mesmo grupo social e excluir aqueles que não possuem tais origens e que, por sua vez, estão fora desse grupo social (WOLF, 2003). Entretanto, essa não é apenas uma estratégia de reprodução destinada a conservar a ocupação de certas posições a um grupo, mas consiste em uma maneira de conservar e manter os critérios de ascensão e os recursos fundamentais para ocupação de certos postos. Essa é uma estratégia para determinar “aqueles que são dignos de entrar num grupo, de fazer parte do grupo, de fazer o grupo” (BOURDIEU, 1984, p.80).

Essas informações a respeito das origens sociais e das percepções que se tem delas permitem salientar a relação entre a posição social e a posição ocupada no jornalismo, pois as origens sociais mais altas correspondem aos cargos de diretores de jornalismo e chefes de redação e são estes jornalistas os que mais valorizam, nas promoções internas e nas contratações, “a cultura trazida de casa”. Contudo essa relação não é direta, mas associada a ela estão os veículos aos quais estão vinculados os respectivos diretores. Existe, então, uma relação entre as origens sociais elevadas, a posição ocupada no jornalismo e a posição que o veículo ocupa no conjunto das empresas do ramo. Tais informações permitem afirmar que quanto maior a empresa mais as origens sociais elevadas serão relevantes para ocupar postos de direção de jornalismo.

Entretanto, mais do que uma distinção entre grupos socialmente desiguais no que diz respeito à cultura dominante, o que interessa, neste estudo, são os esquemas de percepção e de classificação que se baseiam na própria pessoa e seu passado (manifesta em expressões como “eu sempre gostei de ler”, “eu tenho uma cultura diferenciada”), como também pode ainda ser aplicado ao próximo, sobretudo em situações de avaliação de outros jornalistas nos processos de contratação, como se pode observar. Nesse sentido as origens sociais elevadas tornam-se recursos imprescindíveis para entrada e para a ascensão de postos no mercado de trabalho jornalístico. Os relatos acima analisados permitem destacar, por um lado, a escola como o lugar onde se fortalece os critérios de distinção entre grupos por meio do domínio da língua oficial e também da língua estrangeira. Por outro lado, a aquisição desta competência associada ao “melhor português” vai além daquilo que as “boas escolas” oferecem e recai no que a família pode possibilitar, como o acesso a livros, revistas, viagens ao exterior, etc.

Considerações finais

Este artigo permitiu mostrar que a identidade é fruto de um trabalho de representação de si e do mundo inscrito em uma trajetória e resultado de um processo de socialização. Nesse processo o indivíduo faz uso de determinadas características e recursos sociais que envolvem uma “transfiguração” e que ocorre por meio de um processo no qual se impõem certos princípios de classificação (GAXIE, 1990). Nas narrativas de vida profissional do conjunto dos jornalistas considerados, certas “qualidades pessoais” foram apresentadas como justificativa para a inserção e o crescimento profissional, as quais contribuem para legitimar a atual posição ocupada no jornalismo. Tais qualidades remetem, sobretudo, à esfera familiar e aos recursos de origem e formação cultural. Contudo, como se pode perceber, há várias maneiras das condições sociais se converterem em recursos nas estratégias biográficas. Uma delas é através do domínio da língua culta, das habilidades lingüísticas e do acesso a viagens ao exterior, as quais se constituem “moedas” que permitem recompensas no mercado profissional. Tais recursos são característicos daqueles que apresentam uma socialização na cultura dominante por meio da família e da escola.

Outra maneira das origens se transformarem em recursos é no domínio das relações sociais, por meio de amizades com pessoas situadas nas posições mais elevadas da hierarquia social. Isso depende da formação cultural do indivíduo e do “tecido de imbricações sociais”.

Portanto, a origem social elevada não representa apenas uma posição no espaço social e uma condição culturalmente dominante, mas ela permite o acesso a um conjunto de recursos, contatos e a aproximações com pessoas que podem ser acionadas durante o trajeto profissional. Por um lado, as origens elevadas possibilitaram um primeiro contato com o universo jornalístico, servindo assim como um recurso de acesso ao meio. A transmissão da herança familiar ocorre mediante diversos tipos de capital, como o econômico, através do patrimônio e bens materiais; cultural, possibilitando acesso a escolas de prestígio e consumo de bens culturais (cinema, teatro, revistas, jornais); simbólico, através do prestígio e consagração social, possibilitado pela posição de origem e também o capital social através de uma rede de relações com pessoas de prestígio.

Por outro lado, as percepções que se têm das origens sociais elevadas, de maneira geral, e a valorização atribuída a alguém que estudou em escolas particulares de prestígio, ou que fez intercâmbio e viagens ao exterior, revelam a valorização de certos recursos que podem ser obtidos principalmente por uma posição de origem elevada. Entretanto, não se pode ignorar que as apresentações de si estão diretamente associadas a um trabalho de gestão da memória. Como mostra Pollak (1989, 1992), a memória constitui um fator fundamental do “sentimento de continuidade e coerência de uma pessoa em sua reconstrução de si”. Logo, seja ela individual ou coletiva, representa um trabalho de organização e interpretação do passado constitutivo do sentimento de identidade. Essas questões tornaram-se uma maneira peculiar de se analisar os processos identitários, permitindo considerá-los como resultado da inserção dos indivíduos em vários espaços sociais ao mesmo tempo e como um trabalho de organização da vida indissociável dos processos de interpretação do passado.

Por conseguinte, destacou-se, neste artigo, a necessidade de chamar a atenção para a dimensão relacional dos recursos, uma vez que o maior ou menor valor de um recurso depende dos espaços sociais dentro dos quais os atores o ativam. Do mesmo modo, é preciso considerar a combinação entre os diferentes recursos e esferas de

sociabilidade. Neste sentido, nenhum desse recurso é tomado individualmente, uma vez que eles só adquirem importância se associados com outros recursos.

Referências Bibliográficas

BOIGEOL, A.; DEZALAY, I. De l'agent d'affaires au barreau: conseils juridiques et la construction d'un espace professionnel. *Genèses*, n. 27, p. 49-68, juin. 1997.

BOURDIEU, P. *La distinction: critique social du jugement*. Paris: Les Editions de Minuit, 1979.

_____. *Homo academicus*. Paris: Editions de Minuit, 1984.

_____. Os três estados do capital cultural. In: NOGUEIRA, M. A (Org). *Escritos de educação*. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 71-19.

CORADINI, O. L. A Formação e Inserção Profissional dos Professores de Ciências Humanas e Sociais no Rio Grande do Sul. In: ALMEIDA, A. M. (et all). *Circulação internacional e formação intelectual das elites brasileiras*. Campinas, SP: EdUNICAMP, 2004. p. 213-240.

DUBAR, C. & TRIPIER, P. *Sociologie des professions*. Paris: Armand Colin, 1998a.

DUBAR, C. *La socialisation*. Paris: Armand Colin, 1998b.

_____. Trajetórias Sociais e Formas identitárias: alguns esclarecimentos conceituais e metodológicos. *Educ. Soc.* [online], v. 19, n. 62, p.13-20, abr. 1998c. Disponível na World Wide Web: <www.scielo.br> Acesso em : 10 dez. 2006.

ELIAS, N. *A société des individus*. Paris: Fayard, 1991.

FILLIEULE, O. Temps biographique, temps social et variabilité des retributions. In: FILLIEULE, Olivier (Org) *Le desengagement militant*. Paris : Edition Belin, 2005. p. 17-47.

GAXIE, D. et al (Org). *Le "social" transfiguré*. Sur la representation politiques dès préoccupations "sociales". Paris: Presses Universitaires de France, 1990.

GOFFMAN, E. A carreira moral do doente mental. In: _____. *Manicômios, prisões e conventos*. São Paulo: Perspectiva, 1996. p. 111-143.

LAHIRE, B. *O homem plural*. Os determinantes da ação. Petrópolis: Vozes, 2002.

_____. *Retratos sociológicos*. disposições e variações individuais. Porto Alegre: Artmed, 2004.

_____. *A cultura dos indivíduos*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

PASSY, F. Interactions sociales et imbrications des sphères de vie. In: FILLIEULE, Olivier (Org.) *Le desengagement militant*. Paris : Edition Belin, 2005. p. 111-130.

PUDAL, B. Du biographique entre “sciences” et “fiction”. Quelques remarques programmatiques. *Politix*, Paris, n. 27, p 5-24, 1994.

PENEFF, J. Les grandes tendances de l’usage des biographies dans la sociologie française. *Politix*, Paris, n. 27, p. 25-31, 1994.

PETRARCA, F. R. *O jornalismo como profissão: recursos sociais, titulação acadêmica e inserção profissional dos jornalistas no Rio Grande do Sul*. 2007. Tese (Doutorado em Sociologia) - Programa de Pós Graduação em Sociologia, UFRGS, Porto Alegre.

POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

_____. Memória e identidade social. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

WOLF, E. Parentesco, amizade e relações patrono-cliente em sociedades complexas. In: _____. *Antropologia e poder*: Contribuições de Eric R. Wolf. Campinas, SP: EdUNICAMP, 2003. p- 93-112.

Artigo recebido em abril de 2008 e aceito para publicação em agosto de 2008.